

Guerra Junqueiro



ORAÇÃO Á LUZ



PORTO

LIVRARIA CHARDRON

De Lello & Irmão, Editores

1904

Todos os direitos reservados

ALLA GIOIA

Oração á Luz

GUERRA JUNQUEIRO

ORAÇÃO Á LUZ



PORTO
LIVRARIA CHARDRON

De Lello & Irmão, Editores

1904

Todas as direitos reservados.

Pertence no Brazil o direito de propriedade d'esta obra ao cidadão Francisco Alves, livreiro editor no Rio de Janeiro, que, para a garantia que lhe offerece a lei n.º 496 de 1 d'Agosto de 1898, fez o competente deposito na Bibliotheca nacional, segundo a determinação do art. 13.º da mesma Lei.

AO MEU AMIGO

FIALHO D'ALMEIDA

ORAÇÃO Á LUZ

Claro misterio
Do azul ethereo!
Sonho sidereo!
Luz!

Da terra dorida
Alento e guarida!
Fermento da vida,
Luz!

Eucaristia santa,
Vinho e pão que alevanta
Homem, rochedo e planta . . .
Luz!

Virgem ignea das sete cores,
Toda abrasada d'esplendores,
Mãe dos heroes e mãe das flores,
Luz!

Fiat harmonico e jocundo,
Verbo diafano e profundo,
Alma do sol, corpo do mundo,
Luz!

Luz-esp'rança, luz rutila da aurora,
Vida vibrando na amplidão sonora,
Vida cantando pela vida fora,
Luz!

Luz que nos dás o pão, ó luz amada!
Luz que nos dás o sangue, ó luz doirada!
Luz que nos dás o olhar, luz encantada!
Bem dita sejas, luz, bem dita sejas!

Sejas bem dita em nós, ó fonte de harmonia!
Sejas bem dita em nós, ó urna de alegria!
Bem dito seja o filho teu, o alvor do dia!
Perpetuamente, ó luz, ó mãe, bem dita sejas!

*

A inabalavel rocha taciturna,
Quando a electrisa teu deslumbramento,
Acorda e sonha na mudez soturna. . .

Por ti se volve areia; e n'um momento
A areia é lodo, é seiva, é fruto lindo,
É carne humana, é sangue, é pensamento. . .

Por ti a agoa exulta, anda bramindo,
Por ti rola do monte ao sorvedeiro,
E voa, em nuvens, pelo azul infindo . . .

Por ti orvalho: Cae no trigo loiro?
É pão e é hostia . . . Cae na flor? incenso,
Netar, abelha, borboleta d'oiro . . .

Por ti flutua o ar, um mar imenso,
Prenhe de vidas invisiveis, onde
Todo o sonho da terra anda suspenso . . .

Ao teu halito, ó luz, nada se esconde:
Brilhas! e a alma opaca da materia
Das entranhas do globo te responde! . . .

Brilhas! e amor e dor, luto, miseria,
Doira-os a graça, a juventude, o encanto
Do teu manto de purpura siderea!

És tu que alumbras alegria e pranto:
No sorriso do heroe clarão eterno,
Prisma de Deos na lagrima do santo.

Por teu fulgor genesico e materno
Surdem nupcias das campas viridentes
E um novo abril palpita em cada inverno...

Por ti suspiram, sem te ver, dormentes,
As almas vegetaes, indefenidas
No misterio noturno das sementes...

Germinando por ti, por ti vestidas,
Sonham aroma, sonham forma e côr,
Em teu alvor magnetico embebidas...

E esplendidas de graça, enlevo e amor, X *Ballard*
Erguem-te, ó luz, um ai de luz radiante,
Aberto em beijo, idealizado em flor!...

Por teu fremito d'oiro, instante a instante,
O verme cego, enclausurado, imundo,
Gera a visão liberta e deslumbrante.

Por ti um sopro animico e fecundo
Penetra o lodo, a rocha, a agoa, o ar,
Voa de esporo a esporo, e mundo a mundo...

Por ti a aza, o labio, a mão, o olhar...
Por ti o canto e o riso e o beijo e a ideia...
Por ti o verbo ser e o verbo amar!...

A inextrincavel, a infindavel teia
Do sonho do universo em luz é urdida, *G.T.*
Em luz vislumbra e misteriosa ondeia...

Suspensa em luz, da mesma luz nutrida,
Vae para Deos rolando eternamente
A dor, na eterna evolução da vida...

Homem, nuvem, granito, onda, serpente,
A rocha, o ar, o abutre, a folha d'hera,
O mundo, os mundos, tudo que é vivente,

Do lodo á aguia, do metal á fera,
Da fera ao anjo, do covil á cruz,
Move-se tudo, existe e reverbera,

Sonhando, amando, palpitando em luz!...

*

* *

E o coração a arder, que das alturas
Manda perpetua luz ás creaturas,
Vive a escuras!

Seus infernos de fogo a trovejar
Dão aurora e luar.

Sua angustia sem fim, que não descança,
É mãe do beijo e mãe da esp'rança.

Dos ais candentes da sua dor
Brotava o sorriso e brotava a flor.

Bemdito seja!

Arde por nós a toda a hora,
Sofre por nós a toda a hora,
Por nós morrendo a toda a hora,
Continuamente!

Bemdito seja!

O seu tormento é o nosso alento,
Sua paixão cruel e dolorida
A nossa vida.

Bemdito seja! bemdito seja!

Bemdito o martir, cujo sangue a flux
Alaga os mundos de marés de luz!

Bem dita a horrenda e tremula agonia,
Cujos suspiros são o alvor do dia!

Bem dita a morte, em cuja essencia etherea
Ondula para Deos nossa miseria!

Bem dito seja!
Bem dito seja!
Bem dito seja!
Bem dito vezes mil o fecundo esplendor,
Nossa vitima e nosso redemptor!...

*

* *

Homem!

Quando a alvorada alumie o horisonte,
Ergue-te em pé, ergue essa frente!

Ergue-te livre, em pé, na terra escrava,
Em que has sido mudez caliginosa
E onda e rocha e verme e fera brava . . .
Ergue essa **fronte** humana misteriosa,
Enigmatica flor crepuscular,
A flor que chora, que sorri, que pensa,
A flor de dor, que a natureza imensa
Milhões d'anos levou a arquitetar! . . .
Ergue-te calmo sobre a terra obscura,
Filho de Satanaz, pae de Jesus!
E no enlevo, no mimo, na candura
Da madrugada angelisada e pura
Faz, d'olhos tristes, o signal da cruz:
Uma cruz imortal em pensamento,
Uma infinita cruz, cheia de luz,
Aberta aos mundos n'um deslumbramento . . .
Cruz que, vindo de Deos, trespasse o inferno,
Cruz abarcando toda a imensidade,
Cruz onde um Christo, o Amor Eterno,
Chore sem fim a dor da Eternidade! . . .
E extatico, enlevado, absorto, imerso
Na harmonia inefavel da amplidão,
Ebrio de Deos, unguido de universo,
Homem, levanta á luz esta oração:

Monstro de dor nos ermos do infinito,
Ó sol crucificado, ó sol bemdito !
Tua carne de fluidos e metaes
É a carne-embrião do mundo todo,
Das agoas e das rochas e do lodo,
Que foram nossas mães e nossos paes !
Por isso lanças para nós teu grito,
Por isso voãm para nós teus ais !

São os teus ais sem fim de muribundo
A luz, esp'rança, que eletrisa o mundo.

O oiro divino das manhãs formosas,
Que os orbes veste de sendaes de rosas,
Como se fossem pobresinhos nus,
É o estertor e a dor do teu fadario,
É sangue a espadanar do teu calvario,
A jorrar do teu corpo e da tua cruz !

Bemdito o christo-sol na cruz ardente,
O monstro-martir, que infinitamente *Viveria.*
Por nós expira, soluçando luz ! . . .

Ó luz, ó luz, o mundo te devora,
Mas revives no mundo a toda a hora.

Morres para nascer a todo o instante,
Mais perfeita, mais pura e mais brilhante.

Sim, mais brilhante: a claridade
Vem só do amor e da verdade.

Tu revives, ó luz, mais amorosa
Na agoa fluida, tremula e viscosa.

Na agoa fecundante e conjugal,
Mãe do homem, do verme e do cristal.

Na agoa movel, magica, indecisa,
Onde a vida fermenta e fraternisa . . .

Por onde o sangue e a seiva, ebríos d'amor,
Circulam para a ideia ou para a flor!

Mas a agoa te absorve e te agradece,
Nunca te esquece, ó luz, nunca te esquece:

Almas da agoa, quando se casaram, *frases*
Foi com beijos de luz que se beijaram.

*

Tu revives na terra aspera e dura,
Que é leite e mel na boca da verdura.

Leite e mel da raiz, do sugadoiro,
Que mama fragas e dá frutos d'oiro.

Sim, revives mais pura, muito mais,
No granito e no lodo e nos metaes.

Materia bruta

Não vê, não fala, não escuta,

Não pode amar,

Sem se tocar.

Quando se toca é que se liga,

Tem de ser densa para ser amiga.

Na rude e baixa natureza

O amor é solidez, a afeição é dureza.

E por isso o cristal

É um verdadeiro santo mineral.

Rochedo ou bronze

Mantem na estatua o genio creador,

Porque rochedo e bronze

São dois blocos d'amor.

O sonho ideal e genial, sonho impoluto,
Não se esvahi, porque fundiu
No sonho bruto . . .

Fragas imoveis, taciturnas,
Que nós pisamos, caminhando,
São almas lentas, infimas, noturnas,
Cegas e surdas, que se estam beijando! . . .

A pedra, ó luz, te absorve e te agradece,
Nunca te esquece, ó luz, nunca te esquece:

Porque as pedras, inertes e geladas,
Já foram soes, estrelas, alvoradas . . .

*

Tu revives, ó luz, inda mais santa,
N'alma da planta.

Alma já feita de infinitas almas,
Vida gerada de infinitas vidas,
Mas prezas todas, palpitando unidas
N'uma só alma!

Almas que existem para a mesma ancía,
Que a mesma ardente aspiração eleva . . .
Sonhando, amando, ouvindo-se a distancia,
Folha livre no azul, raiz muda na treva . . .

Almas aereas, ondulantes,
Ebrias de cor e de esplendor,
Ao Deos ignoto erguendo as verduras radiantes,
Ao Eterno evolvendo emanações da flor . . .

E flor doirada e folha verde e troncos nus
Condensam chamas, arquetam luz!

Encorporam em luz o infindavel desejo,
Edificam em luz a essencia misteriosa,
Que, suspiro a suspiro e beijo a beijo,
Vae do lichen ao cedro e vae do musgo á rosa! . . .

Hervas, florestas, pampanos, rebentos,
Calices d'oiro, bosques a noivar,
São esculturas em deslumbramentos,
Sonhos urdidos com a luz e o ar!...

*

E inda mais bela que na primavera
Resuscitas, ó luz, n'um verme ou n'uma fera,
Que já tem sangue e tem olhar!

Luz dardejante!
Graça da cor! alvor, fulgor, esplendidez!
Tu és escuridão, és uma cega errante...
Cega noturna e deslumbrante,
Porque alumias e não vês!

Esses olhos de estrelas vagabundos,
Olhos de luz tão viva que incendeia,
Não descobrem nem paramos, nem mundos,
Não conhecem nem flor, nem grão d'areia!

E uma alimaria torva, rastejando,
Vê as nuvens e os passaros em bando,
Vê da noite o clarão,
E na centelha exigua da pupila
Junta o brazeiro d'astros que rutila,
Imensuravel na amplidão!

O olho ardente
É luz prodigiosa, é luz consciente. \

Olhar,
É destinguir, unir, fraternisar
O sonho do universo,
Tudo o que anda disperso
Ou no lodo ou na rocha ou na agoa ou no ar...

E, dilatando o amor,
Dilata-se a visão, cresce a união, cresce o esplendor.

Olhos perfeitos,
D'eterna luz,
Só os olhos divinos dos eleitos,
Só os olhos de Boudha ou de Jesus.

*

E inda mais santa e mais harmoniosa
Que nos olhos da pomba ou no calix da rosa,
Tu revives, ó luz, na musica dos ninhos,
Na alegria infantil dos passarinhos.

A ave canta,
Sonorisando aurora na garganta...

Verdilhão, toutinegra, rouxinol
Declamam luz, gorgéiam sol.

Morre a canção na escuridão...

Canção alada!
Tu és a voz idealizada
Da natureza flórida e fecunda,
Ebria, bebendo oceanos d'alvorada...
Toda a alma da luz, que a terra inunda,

Todo o anseio da terra ao fulgor imortal,
Cantam na voz da cotovia,
Cristalísam na limpida harmonia
D'um beijo d'ouro ideal! . . .

*

O mundo, ó luz, te absorve e te devora,
Mas revives no mundo mais intensa,
Mais proxima de Deos a cada hora,
Nas vidas todas d'esta vida imensa,
Vidas sem fim, almas sem fim,
Que o segredo do amor junta e condensa,
Por meus olhos magneticos, em mim!

Lampejam no meu corpo, humanisadas,
Mortas constelações e mortas alvoradas.

Desde que a Vida me gerou em dor
E fui ether, estrella, agoa, montanha e flor;

Desde que verme obscuro andei a rastros,
E, lobo em pé, sob o clarão dos astros,

Ao verter uma lagrima ligeira,
Me senti homem pela vez primeira;

Quantos soes, nebulosas, firmamentos,
Varridos já n'aza dos ventos,

Não deram luz ao lodo triste,
Que em mim, sonhando e suspirando, existe?!...

Todo o meu corpo é luz esplendorosa,
Sou um hino de luz religiosa,
Gravitando na orbita de Deos...
Milhões d'auroras riem no meu canto,
Ondas d'estrelas brilham no meu pranto,
Pélagos de luas ha nos olhos meus!... \

Esta carne, este sangue, esta miseria,
E este ideal imortal que me conduz,
Já foram brasas na amplidão etherea,
Por isso exultam devorando a luz...

(Nefza eu).

Vive de luz minha alegria e minha magoa,
Bate na luz meu coração,
Fulge na luz o meu olhar...
Ó luz tremente, eu bebo-te na agoa,
Ó luz ardente, eu como-te no pão,
E calco-te na lama e sorvo-te no ar!...
Ó luz! ó luz! ó luz!
Como te heide remir e te heide consolar?!...

Luz que nos enches de alegria,
Luz que desvendas a harmonia,
Que és o esplendor e a cor da natureza,
Farei de ti, luz d'um só dia,
A luz perpetua da Beleza!

Luz que iluminas a existencia,
Luz que propagas a evidencia,
Que dissolves o erro e a escuridade,
Farei de ti, da tua essencia,
A luz augusta da Verdade!

Luz, onde os olhos e onde o pensamento
Casam a estrella, o verme, a rocha, a agoa, o vento,
Homens e monstros, a canção e a dor,
Farei de ti, luz d'um momento,
A luz eterna, a luz divina, a luz do Amor!

(Revisão).

Farei de ti a luz do Amor, que não se apaga,
A luz que tudo alaga
E tudo vê e tudo aquece...
A luz que nos deslumbra e que irradia
D'um suspiro, d'um ai, d'uma agonia,
D'um beijo humilde ou d'uma prece...

A luz, em cuja gloria idealisante,
O brazeiro dos astros rutilante
É cinza escura e sepulcral,
E a apoteose imensa da alvorada
Uma lugubre e lenta fumarada,
Sonho torvo da duvida e do mal...

(Revisão).

(Vespere)

A luz que transfigura e que converte
O Cesar deslumbrante em póeira inerte
E o vagabundo, a rastros, n'um clarão . . .
A luz que acende lagrimas doridas
Em estrelas eternas e floridas,
Em jardins de candura e de perdão! . . .

Luz onde tudo vae boiando imerso,
Luz Espirito e Alma do universo,
Sol dos soes, increado e creador . . .
Luz de misericordia e luz de esp'rança,
Luz de infinita bemaventurança,
Manhã que rompe da infinita dor . . .

Ó luz dos astros, cega luz corporea,
Que, revivendo, és agoa transitoria,
Fraguedo e areia, podridão e planta,
Calix que murcha e que a nortada leva,
Olhar de brasas que se volve em treva,
Gorgeio lindo que uma hora canta,

(Handwritten mark)
Em meu sangue exaltada e sublimada,
Em meu divino ideal crucificada,
À paz suprema chegarás por mim:
Serás a luz do Espirito amoroso,
Serás na eterna dor o eterno goso,
A beatitude harmonica e sem fim!

*

* *

Oremus:

Candida luz da estrela matutina,
Lagrima argentea na amplidão divina,
Abre meus olhos com o teu olhar!

Viva luz das manhãs esplendorosas,
Doira-me a fronte, inunda-me de rosas,
Para cantar!

Luz abrasando, crepitando chama,
Arde em meu sangue, meu vigor inflama,
Para lutar!

Luz das penunbras a tremer nas agoas,
Vela as montanhas d'um vapor de magoas,
Para sonhar!

Luz dolorosa, branda luz da lua,
Embala, embebe a minha dor na tua,
Para chorar!

Luz das estrelas, vaga luz silente,
Cae dos abismos do misterio ardente,
Sangra calvarios infinitamente,
Para eu resar!

E cantando,
E lutando,
E sonhando,
E chorando,
E resando,

Farei da cega luz que me alumia
A luz espiritual do grande dia,
A luz de Deos, a luz do Amor, a luz do Bem
A luz da gloria eterna, a luz da luz, amen!

70